

GT 02 – EDUCAÇÃO FÍSICA. CORPO E CULTURA

UMA PERSPECTIVA ESQUIZOANALÍTICA DO CONHECIMENTO: notas acerca da relação entre corpo e percepção

Argus Setembrino¹
Lucio Gimenes²

Agência Financiadora: não contou com financiamento.

Palavras-chave: Esquizoanálise. Metodologias de Pesquisa. Construtivismo. Epistemologia.

Eu vivia com meu bom corpo. Alguém há de achar um regime melhor? – Riobaldo³

Introdução

O trabalho em questão é um resultado parcial de uma pesquisa de mestrado em andamento – produzida em coletivo – na qual busco extrair um método de revisão conceitual da esquizoanálise. Lançamos mão principalmente da obra “O que é a filosofia?”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992). A discussão que trazemos aqui, acerca do corpo e do conhecimento, é uma parte da discussão do problema de método. Falamos de corpo enquanto respondemos à pergunta de “como conhecer”, mas não se trata exclusivamente de uma pergunta epistemológica. E não corresponde “A perspectiva” da esquizoanálise, é bom salientar, pois a esquizoanálise pressupõe a não univocidade das coisas.

Não se trata, portanto, de um campo, já que um campo só o é porque há formação de consensos e nele todo mundo fala “a mesma coisa” – o que produz efeito de campo. Assim, a perspectiva que lhes oferecemos ao debate/combate é “uma perspectiva Esquizoanalítica”; não a única, não a correta, mas apenas um ponto de vista possível a partir de um ponto em movimento, isto é, uma linha.

Esses autores apresentam a filosofia como um construtivismo. Uma construção de conceitos, personagens conceituais, e plano de imanência. Mais precisamente, filosofar é: criar conceitos, inventar personagens e traçar planos. Os conceitos têm a ver com o Entendimento, os personagens com a Imaginação, e o plano com a Razão. Razão é justamente o traçado de um plano de imanência,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás – E-mail: grime.salud@gmail.com.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás – E-mail: luciofsg@gmail.com

³ Personagem da obra “Grande Sertão: veredas”, de Guimarães Rosa.

que podemos dizer que é o mundo. Assim é a história da filosofia, segundo Deleuze e Guattari (1992).

O trabalho de Michel Foucault (e de sua equipe) é um bom exemplo, já que os resultados da sua genealogia e arqueologia não podem ser simplesmente transplantados para cá. Corremos o risco de aniquilar a Diferença se simplesmente fazemos analogias do Diagrama Disciplinar – e com ele, as coisas do corpo – para o Brasil, para o Centro-oeste brasileiro. Ele afirmou o que afirmou a partir dos arquivos que acessou, mas sobretudo do seu tempo e espaço – a França do século passado.

E isso é importante não só para a positividade do “método” de Foucault, mas também para a filosofia, para a criação de conceitos, já que – repetindo os autores – “os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são os nossos, com nossa história e sobretudo com nossos devires” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 36). Nessa relação entre ser e devir, história e devir que entra o corpo, já que é no nosso corpo que se passam os devires e a história.

Metodologia

A filosofia, segundo Deleuze e Guattari, é um construtivismo que se dá pelos devires. Mas o que é devir? Aqui o sentido de devir é mais do que aquele do dicionário. Segundo o dicionário, devir é o “processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser passa”. Várias filosofias também tratam do devir, especialmente aquelas que designamos como fenomenológico-existenciais, por isso se faz necessário apresentar as implicações conceituais do devir neste método em elaboração. Neste construtivismo, digamos, esquizoanalítico, o devir é isso que diz o dicionário, mas não apenas. Um traço que distingue o devir na esquizoanálise é que ele é sempre minoritário (DELEUZE e PARNET, 1988-1994).

Há modelos a serem seguidos, ideais de perfeição que ninguém alcança. Homem, branco, heterossexual, malhado, cisgênero, nórdico, rico... por exemplo. O que escapa aos modelos é precisamente a diferença ou devir que há de se intensificar para criar alguma coisa. “O que escapa aos modelos”: uma outra maneira de dizer que o devir é o que escapa ao estado de coisas, ao ser e à história.

Aqui, portanto, devir é esse movimento de diferenciação – e “tudo flui”, tudo é movimento – que se dá minoritariamente, na relação com vidas abafadas, com o Fora não-histórico, com um virtual caótico. Há um devir-bicha, quando “bicha” desvia do padrão dominante; devir-criança, em uma sociedade adultocêntrica; mas não há a princípio um devir-pinto, um devir-europeu ou coisas assim...

A criação (filosofia ou construtivismo esquizoanalítico) acontece pelos devires e estes, por

sua vez, acontecem pela relação que entretemos “diante” de algo ou alguém que a história não contou, que os modelos não abrangem, que as formas não alcançam. “Nossos problemas” e “nossos devires”, como dizem, têm a ver, portanto, com as nossas relações concretas. Nesta investigação, temos de antemão um devir-atrasado, dada a posição minoritária que as tecnologias nos colocam... não obstante, tal agenciamento ou configuração é o que proporciona também a criação deste método.

O que sustentamos é que é no nosso corpo que se passa esse nó de relações concretas – algumas das quais, relações de devir. Mais ainda, esses devires são sempre localizados ou localizáveis por estas relações que nos constituem. Só somos do centro-oeste diante de alguém do sudeste, do norte; só somos brancos em relação aos negros, aos índios que compõem a cena conosco, mas talvez não sejamos na Alemanha ou no sul do Brasil. O que nos coloca numa relação de atraso é o que Trotsky vai chamar de Desenvolvimento Desigual e Combinado, ou Milton Santos de Relógio Despótico Mundial.

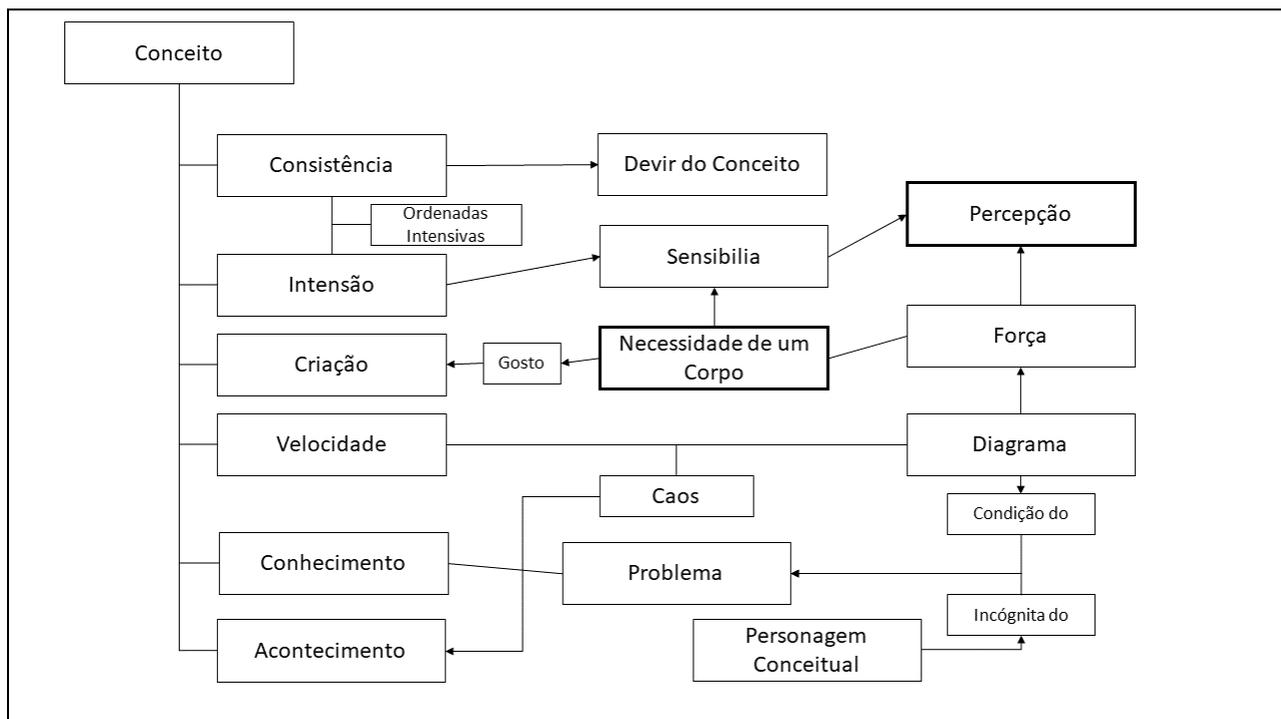
Se assimilarmos este construtivismo como uma metodologia para a construção de um método, seria uma cujo tipo de pesquisa se dá no corpo, cuja população é o corpo (que é múltiplo), e cujo instrumento de análise também é o corpo ou passa necessariamente por ele. Uma primeira “entrada” do corpo no pensamento é essa: é no corpo que entretemos as relações que nos colocam em devir. Isso incluiria os afetos, que são devires, mas precisaríamos entrar na Ética de Espinosa (DELEUZE e GUATTARI, 1997; SPINOZA, 2009). Uma outra “entrada” é pelos conceitos. Há neste construtivismo um conceito de conceito, ou uma natureza do conceito na qual o corpo é “fundamental”, condição sem a qual não pensamos e não criamos conceitos, como tento esquematizar no quadro a seguir e, em seguida, discutir.

Resultados preliminares - Corpo e Percepção

O quadro abaixo é uma esquematização da natureza do conceito a partir de “O que é a filosofia?” (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Um conceito tem a ver com tudo apresentado, mas para a discussão que propomos, corpo e percepção aparecem em destaque.

Neste construtivismo, o conceito é também da ordem da sensibilia (“sensibilidade”) e são também percepção e condição de percepção. Só percebemos algo quando temos dele um conceito, que não se confunde com definição ou discurso. Percebo mesmo sem saber enunciar ou dizer o conceito; a expressão em palavras e códigos é de uma outra ordem, talvez a do saber, mas não do conceito.

Quadro único – Esquema da natureza do conceito no Construtivismo Esquizaanalítico



Fonte: elaborado pelos autores

O que percebe não é precisamente o corpo, mas a força. A relação entre corpo e força nos é ainda indiferenciada na Psicologia Política. Tomamos o indivíduo, ou um corpo, como uma força, uma potência; com uma certa sinonímia entre esses conceitos (cf. HUR, 2018). No dizer de Deleuze e Guattari (1992), “a força não é o que age, é, como sabiam Leibniz e Nietzsche, o que percebe e experimenta” (p. 155). O que age é o desejo, apreendido em sua positividade (BAREMBLITT, 2003; DELEUZE e GUATTARI, 2010).

Com a ajuda de Pelbart (2009), temos uma definição de força que nos é preciosa. Ele explica que não é que uma força tenha relação com outras forças, ela é relação com outras forças. “A tal ponto que qualquer força só poderá ser pensada no contexto de uma pluralidade de forças” (p. 107). Mais uma vez encontramos a ênfase nas relações, mas aqui as considerando radicalmente. Uma força é relação e só a análise singularizada (“de cada caso”) pode dar a perceber esse nó de relações ou jogo de forças.

Por um lado, a força é o que percebe, e, por outro, ela é definida pelas relações que entretém; definida pelo nó movediço e fugidio de relações concretas. Será muito precipitado dizer que é este nó de relações que determina a nossa percepção? Com base nesses autores, creio que não. A esquizoanálise, então, se ocuparia de traçar essas relações que não estão todas dadas. Relações intensivas da força e relações extensivas do corpo – mas é preciso meditar sobre até que ponto essa divisão nos seria útil. Essa composição de forças, que poderíamos designar como um pequeno diagrama, de alguém ou um coletivo. O regime de forças e contatos que um corpo encontra e o

constitui. Uma análise das forças e do desejo:

A esquizoanálise não tem outro objeto prático: (...) quais são suas próprias linhas, qual mapa você está fazendo e remanejando, qual linha abstrata você traçará, e a que preço, para você e para os outros? Sua própria linha de fuga? (...) Você racha? Você rachará? Você se desterritorializa? Qual linha você interrompe, qual você prolonga ou retoma, sem figuras nem símbolos? A esquizoanálise não incide em elementos nem conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. Análise do desejo, a esquizoanálise é imediatamente prática, imediatamente política, quer se trate de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. Pois, antes do ser, há a política (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 84-85).

Considerações parciais

A partir do Construtivismo Esquizoanalítico, temos que a percepção depende de um corpo/uma força que por sua vez é definida pelas relações que entretém. A criação de conceitos pelos quais entendemos o mundo se dá a partir da história, mas uma história concreta e localizada, a ser mapeada, (esquizo)analisada, cartografada. Nossa percepção, no fazer acadêmico ou na vida, depende da nossa localização no diagrama de forças que nos constitui. O próprio corpo é ele um regime, como talvez já o sabia Riobaldo, personagem conceitual de Guimarães Rosa.

Referências

BAREMBLITT, G. **Introdução à Esquizoanálise**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2003.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bentro Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: 34, v. 4, 1997.

_____; **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 3**. São Paulo: 34, v. 3, 2012.

_____. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. O abecedário de Gilles Deleuze - transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. **Escola Nômade**, 1988-1994. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>>. Acesso em: 10 Novembro 2018.

HUR, D. U. **Psicologia, Política e Esquizoanálise**. Campinas: Alínea, 2018.

PELBART, P. P. O pensamento do Fora. In: PELBART, P. P. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: loucura e desrazão**. 2ª. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009. p. 107-109.

SPINOZA. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.